

Resumo do artigo

ALMANAQUE DE CORDEL: VEÍCULO DE INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO DO POVO”

Publicamos, na íntegra, a conferência proferida pelo Prof. Luiz Beltrão, em Campinas, durante a Primeira Jornada de Literatura de Cordel, promovida pelo IAC, em convênio com a Secretaria de Estado da Cultura do Governo de S. Paulo através da Comissão de Folclore e Artesanato, realizada em Campinas, de 3 a 9 de maio de 1982. Neste trabalho é focalizada a importância dos Almanques de Cordel, que constituem “um verdadeiro guia para os agricultores e criadores de todo o Nordeste do Brasil”, além de divulgarem cuidados com a alimentação e a preservação da saúde. Os editores desses folhetos anunciam produtos de sua própria fabricação, como defumadores que podem ser usados por quem “está recebendo um raio hostil de um planeta maléfico ou a inveja e mau olhado em seu progresso”.

ALMANAQUE DE CORDEL VEÍCULO DE INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO DO POVO

Luiz Beltrão

Agosto é mês de chuva e vento no nordeste. No agreste de Pernambuco, a estação invernososa enverdece as folhas das árvores, a grama braba aparentemente morta — e até os dedos dos avelozes, um dos únicos sinais de clorofila na árida paisagem do estio, parece que foram manicurados e repintados pela água. Renova-se a vida nos brejos e capoeiras. As pedras, em blocos esparsos, alguns com cataduras semelhantes às misteriosas figuras da Ilha de Páscoa, chegam mesmo a revestir-se de um velho musgo que, paradoxalmente, estaria hibernando sob a poeira do longo verão.

O rio Ipojuca, que se esvazia quase inteiramente na estiagem, e seus afluentes, os riachos das Éguas, o Pau-santo, o Mocós, o Pororoca voltam a correr desde a Fazenda do Vigário até o Brejo do Buraco, desde os povoados da Onça e de Tacaité até os de Mulungu e Garrotes. Em seus leitões pedregosos e esturricados pela seca, agora esgueiram-se corredeiras, e os açudes, que garantiram o abastecimento d'água ao grande centro comercial de Caruaru, recebem o reforço que permitirá às gentes agrestinas continuarem a plantar e colher o algodão, o milho, a mamona, o feijão e o fumo, e a manterem os pastos viçosos, onde os rebanhos de cabras e vacas lhes fornecerão matéria-prima para seus famosos queijos, solas e courinhos, de muito boa acolhida no mercado regional.

Foi no humilde cemitério de uma localidade rural do País de Caruaru que, no desolado e chuvoso entardecer do dia da Assunção de Nossa Senhora, a 15 de agosto de 1971, um pequeno grupo de familiares sepultava o velho João Ferreira Lima, de 68 anos, dos quais pelo menos trinta e cinco dedicados à divulgação dos mistérios que desvendava no curso dos astros, através da edição de um almanaque (**Almanack O Per-**

nambuco) e de um outro folheto — **Segredos da Natureza**, especialmente dirigidos à população interiorana do Nordeste para informá-la e guiá-la em seus negócios e em seus amores. 📖

João Ferreira Lima, conforme seu necrológio, publicado na edição do **Jornal do Comércio**, do Recife, em 25/9/71, era “um pesquisador das ciências herméticas” que, no entanto, não previra o apagar-do-candeiro, isto é, quando iria receber-as-incelências, mantendo aquele mesmo otimismo que caracterizava o seu colega, nacionalmente famoso, o astrólogo paulista Omar Cardoso, que no seu cotidiano “Bom dia, bom dia mesmo” insistia em que estava sempre muito bem e, nesta convicção, bateu-o-pacau, passando coerentemente desta-para-a-melhor, no maior dos silêncios de seus guias estelares.

Mas, como o mundo é dos vivos e quem morre deixa-a-farina-para-os-outros, antes que a notícia se espalhasse do sertão até o mar, prejudicando a vendagem de milhares de exemplares dos **Segredos**, cuja edição “revista e ampliada” estava sendo ultimada, em uma gráfica de Caruaru, a viagem do astrólogo para a cidade-dos-pés-juntos foi mantida em sigilo por mais de trinta dias, anunciou o jornal. Nesse entretanto, a publicação, que “inseriria as mais curiosas e estranhas informações para a vida diária do matuto”, foi sendo entregue aos distribuidores e entrava a circular em todo o Nordeste. Assim, quando passado um ano, o **defunto** foi promovido a **falecido**, toda a edição tinha-se esgotado, levando aos seus leitores a decifração do código do anel astrológico, as soluções oferecidas pela ciência dos números, a análise dos acontecimentos futuros, as maneiras de localizar água em terras adustas, poderosas orações, práticas terapêuticas, receitas culinárias e noções úteis sobre as relações do homem com a natureza.

O educador popular

João Ferreira Lima, ainda que versejasse, não era bem um poeta popular. Era, antes de tudo, um educador, formado na escola da vida, perfeitamente identificado com a sua gente. Natural de Bezerros, onde lançara seu almanaque, foi atraído pelo Caruaru, onde se estabeleceu à Rua Sergipe, 51. Certamente por questões de saúde é que, mais tarde, trocara a cidade grande por um sítio ou povoado, onde, naquele lúgubre 15 de agosto, casara-com-a-mulher-da-foice ou, como lá dizem os gaúchos, entregara-a-rapadura, falecera-da-vida-presente, morrera-na-vez-que-lhe-coube, viajara-sem-retorno para tomar-a-bênção-a-São-Pedro e ir-dar-conta-do-feijão-que-comeu, ser-com-Deus e ver-o-céu-por-dentro, ele que passara mais de meio século, como o Poeta, a ver e ouvir estrelas.

Neste vale de lágrimas, Ferreira Lima era o Professor. Professor de ocultismo, conselheiro, um sábio, autor e editor de folhetos de cordel

em prosa, cujo conteúdo pretende reunir tudo o que de interesse para o povo está sendo divulgado no grande mundo em que, embora inseridas, as camadas subalternas da sociedade se encontram marginalizadas, sem voz e sem diálogo. Não era um ignorante: rabiscava suas frases e versos, frequentara a escola primária, lera os livros fundamentais — a Bíblia, o Lunário Perpétuo, as Horas Marianas, a Missão Abreviada, o Livro de São Cipriano, quantas publicações lhe caíssem às mãos tratando da vida eterna, de astrologia, de medicina caseira, de ervas, plantas e solos. Por isso, na primeira edição do seu **Almanack O Pernambuco**, ilustrado com o desenho de um leão, em homenagem ao seu Estado Natal, fez a sua apresentação através do acróstico Pernambuco:

“**P** ara eu profetizar
E studei geografia
R io, golfo e Oceania
N ecomancia singular
A stronomia popular
M itologia Romana
B íblia Rosa Cruciana
U m manuscrito Chinês
C osmografia Holandesa
O ráculo de Diana.”

E, na edição correspondente ao ano de 1943, revelava as fontes de sua sabedoria e a origem da sua autoridade:

“**P** tolomeu do Egito
E lias da Palestina
R ei Salomão me ensina
N óé me deu por escrito
A braão deixou-me dito
N oisés escreveu na lousa
B altazar me disse pausa
U m dia tu sois profeta
C amões me disse poeta
O rtografe alguma coisa.”

É **ortografando** que os autores/editores de almanaques de cordel cooperam na obra de transmissão de conhecimentos, tradições e experiências, em que se baseia a educação para a vida — ponto de partida de qualquer sincero interesse pela evolução das camadas populares marginalizadas do processo civilizatório nacional.

Disso está consciente José Costa Leite, “amador de astrologia e ciências ocultas”, mas também um dos mais prolíficos poetas e editores de cordel da região nordestina. Na capa da versão 77 do seu **Calendário Brasileiro (O Rei dos Almanques)**, que vem a lume desde 1959, adverte:

“A falta de leitura e de conhecimentos pode fazer de sua vida uma carga muito pesada. Quem lê compra a chave do sucesso e do conforto. Este Almanaque lhe ajuda muito. Leia-o.”

Sobre José Costa Leite, paraibano de Sapé, nascido em 1927, e que verseja e edita desde os vinte e dois anos de idade, mantendo em Condado, PE, a sua “A Voz da Poesia Nordestina”, que distribui “folhetos populares em grosso e a varejo” a todo o Nordeste, do Ceará à Bahia e, para o Sul, a partir do Rio de Janeiro (R. Eng. Paula Lopes, 695, Lote 4, Bangu), Sebastião Nunes Batista, na sua **Antologia da Literatura de Cordel** (Natal, Fundação José Augusto, 1977) o identifica como “famoso xilógrafo e poeta popular”, relacionando nada menos de 147 folhetos de sua autoria, entre abecês, conselhos, dicionários, pelepas, romances, crítica social, religião, profecias, gracejo, política, acontecidos e até estórias em verso de duplo sentido, consideradas por alguns como pornográficas.

Condado fica ao norte do Estado, próximo às fronteiras com a Paraíba. Costa Leite não se satisfaz com a distribuição por terceiros de sua produção literária em prosa e verso: ele próprio vai de feira em feira cantando, falando e vendendo os folhetos. Assim, na contracapa da citada edição do **Calendário Brasileiro**, anuncia o seu roteiro semanal:

“... em Timbaúba aos sábados, em Condado aos domingos, em Pedras de Fogo nas segundas e nas terças em Itabaiana... E em excurção pelo Nordeste.”

Evandro Rabello, na apresentação da coleção Costa Leite de xilogravuras — **A Via Sacra**, diz que o conheceu “por volta de 1965, no povoado de Condado. “Andava de feira em feira, carregando em maleta de madeira uma porção de folhetos... para serem vendidos em Goiana, Aliança, Vicência, Tabaiana, Timbaúba, Também...” Um bota-de-sete-léguas, um andarilho, tal e qual seus antecessores indígenas, os pajés, que iam de aldeia em aldeia dando conselhos, profetizando, educando, espionando e transmitindo informações úteis às populações que, conforme o depoimento do franciscano cronista THÈVET, chegavam a “adorá-los ou mesmo idolatrá-los.”

Graças à tipografia, em muitos casos ainda de caixa, com caracteres gastos e famílias desajustadas, e aos prelos manuais, todas as funções educacionais e informativas desses professores do povo, desses salomões sertanejos e caboclos que preenchem, entre as camadas marginalizadas rurais e urbanas, a lacuna deixada pela ausência, pela inação do poder público, se estendem além da presença física do líder-comunicador. Não fosse assim e, de há muito, o almanaque teria desaparecido, como praticamente desapareceu no lado de cá, no hemisfério erudito do mundo da Comunicação Social.

O Almanaque de Cordel: características

Acontece que o almanaque — publicação anual — é um veículo relativamente barato, graças às suas características materiais: capa e miolo de papel linha d'água, caderno simplesmente grampeado, ilustrações poucas, muitas das quais em xilogravura de cajazeira, composição tipográfica manual, pelos rudimentares. O número de páginas, variando de 16 a 32, permite a inclusão, em cada edição, resumidamente, de tudo quanto interessa à sua audiência, constituída, sobretudo, das gentes menos informadas do nosso **hinterland**.

Nos almanaques de cordel há uma acentuada preferência pelas previsões meteorológicas e pelos vaticínios que a leitura das conjunções planetárias permite aos iniciados nas ciências ocultas. Daí porque todos os editores se intitulam astrólogos, professores ou amadores das aludidas ciências. Costa Leite, aliás, explica no seu citado **Calendário**:

“O desejo de querer adivinhar o futuro é tão antigo quanto a própria história da humanidade e quanto mais nervosa e perturbada se torna a nossa vida, a nossa época, tanto mais tentamos sondar o futuro, na esperança de dias melhores.” (pág. 16)

Esta é a razão por que tais almanaques começam sempre com “o juízo do ano”, isto é, as características dos doze meses, marcados pela regência de determinado planeta e pelo dia da semana em que se inicia o período. Assim, em 1977, Costa Leite registrava:

“O ano de 1977 começa num sábado. Saturno governa o ano e o Sol é o regente. 1977 é o 339º ano do ciclo lunar. O planeta Saturno é inimigo da natureza humana, é frio, seco e diurno, denota fome, aflições e carestia nos mantimentos. Causa destruições, peregrinações, desassossegos, inquietação e morte. Saturno tem domínio sobre os velhos e necessitados, e ainda sobre os feiticeiros e desconfiados. A primavera promete ser ventosa, o inverno frio, com poucas águas, o estio úmido, o outono seco e fresco...” (pág. 1)

Na edição do ano passado do **Almanaque São José** (Antigo Leão do Norte), editado pelo astrólogo Joavilim, de Caruaru, sob o título “Juízo Interplanetário do Ano”, utiliza-se uma linguagem mais “técnica” para a identificação astrológica, sobretudo das mazelas do período:

“O originário ano de 1981 inicia em dia de quinta-feira, o seu governante é Júpiter e o seu regente anual é o sol, ano este que terá analogia com o ano de 1953; não foi bom ano, mas serviu mais ou menos, 1981 poderá ser favorável, apesar de Júpiter

estar em quadratura com o sol; a zero hora de 24 de dezembro de 1980 é a seguinte, Júpiter encontra-se em Libra aos 9 graus e 27 minutos e o sol em capricórnio a 10 graus e 22 minutos: cuja quadratura diz, demasiadas despesas com a fortuna alheia, aborrecimentos e desperdícios de forças, indulgência, desonestidade, preguiça e mania de cólera..." (pág. 1)

Muito mais otimista do que qualquer dos seus colegas, inclusive mesmo o conhecidíssimo "Cientista e poeta popular" Manoel Caboclo e Silva, que edita no Juazeiro do Padre Cícero o "**Almanaque O Juízo do Ano Para o Nordeste**", é Vicente Vitorino de Melo, cuja publicação (**Almanaque do Nordeste**) continua a ser a mais difundida na região, como já o era pelos idos de 1966, quando analisamos o seu conteúdo em pesquisa para tese apresentada na UnB e, posteriormente, editada pela Melhoramentos de São Paulo. Vitorino, na edição para 1982, assim expõe seu "juízo" do ano, ora em curso:

"O ano de 1982, entra numa sexta-feira, é o segundo ano do CICLO SOLAR. Tendo como governante e regente, o planeta Vênus que é chamada a "Estrela do Amor". Favorece os lucros pelo comércio, sociedades, empresas públicas, companhias e especulações. Poderá ser sentida, a influência de um grande personagem; feminino ou religioso. Como Vênus domina a pequena fortuna, é fácil trazer uma colheita mediana no Nordeste, e lucros médios em outros ramos de atividade..." (pág. 1)

E, logo em seguida, conforme os bons ditames da psicologia social aplicada, Vitorino conta anedotas (pág. 2) ingênuas, antes de tratar dos assuntos sérios que constituem o peso da publicação:

"Uma mãe recomenda a um filho de 5 anos: Olha José, aí vem dona Fifina; se ela perguntar por mim, dize-lhe que fui à capital visitar tua avó. E foi para o quarto se esconder. Bate a porta, e José vai abrir e dona Fifina pergunta: Mamãe está em casa? Não senhora, foi a capital visitar a vovó. Demorará muito? — Penso que não, pois deixou a chaleira com água no fogo."

Guia do homem do campo

Os editores dos almanaques de cordel têm nítida consciência dos seus leitores e redigem sua mensagem visando aos seus interesses, com o objetivo de tornar o folheto "um verdadeiro guia para os agricultores e criadores de todo o Nordeste do Brasil", como se lê na capa da publicação de Costa Leite.

Das 18 páginas de texto do **Calendário Brasileiro**, seis contêm informações e normas sobre o tempo, os preços dos cereais, os dias bons para plantações tanto de produtos acima da terra como dos de abaixo da terra, a influência dos números sobre as atividades e realizações dos indivíduos. Aos agricultores, dirige-se diretamente:

“... preparem os terrenos cedo, avancem com fé e coragem. Não é de braços cruzados que se vence uma batalha; e sim de espada em punho. O medo é um fantasma que não mora na casa do homem corajoso. Plantem e não desanimem. Tornem a plantar.” (págs. 1/2)

Não devem esquecer que 1977 tem características especiais: o seu **Áureo Número** é 2; a **Epacta**, 10; a **Letra Dominical**, B; o **Regente do Ano**, o Sol; o **Dominante**, Saturno. São 18 anos de publicação do **Calendário Brasileiro**. E, o que é muito importante, marca 42 anos da **Morte do Padre Cícero Romão Batista**. (pág. 2).

Já o pessimista Joavilim, em suas previsões para 1981, sente que, no segundo trimestre, “que anda de 21 de março a 20 de julho... andará tudo para melhor, muita chuva, satisfação na arte, no comércio, rendendo bem os empreendimentos, saúde favorável e felizes viagens, esperanças de boas colheitas e adiantamentos favoráveis.” (pág. 3) Porém, “quanto aos preços ninguém espera baixa mais em nada, mas em compensação os ganhos resultarão para tudo e sobra. Muito embora quando entra mingüado desfaz nossos interesses e 1981 está nisso, mais de uma vez sabemos que tudo vem a minguar, vamos diminuir os débitos a bem de conservarmos livres e sem perturbações (dor de cabeça).”

Vitorino, por seu turno, no **Almanaque do Nordeste**, versão 1982, vê condições climáticas favoráveis, com chuvas praticamente para todo o ano. Agora, em maio, “de 8 a 15, tempo nublado com tendência a chover muito, devendo ser aproveitadas essas chuvas onde cair”. No que tange à seca que abrasará o Nordeste durante anos, o Professor discorda: em novembro (quem viver verá !), de 8 a 15 “haverá bom tempo para o alto sertão de Pernambuco e Ceará” e de 26 a 30, “queda d’água nos altos sertões do Piauí, Maranhão e Rio Grande do Norte” (págs. 3 e 4). A questão toda está em que o sertanejo deve aproveitar as chuvas e não ficar à espera de frentes de trabalho do governo, com que não se lavra a terra nem se engorda o gado.

E, por falar em animais, o mestre Vitorino é taxativo:

“**O Gado em 1982**, compensará bem os criadores. Devendo temer a fitosa que poderá vir com febre de caráter maligno, e dá prejuízo no gado pequeno. Recorra-se à medicina veterinária para salvar seu rebanho.

As Cabras e as Ovelhas em 1982, gozarão boa saúde quase todo o ano; deixando bons rendimentos aos criadores. Se adoecerem dê os comprimidos de PANCUSINA, 2 por dia para o animal grande e 1 para o animal pequeno, e assim você salvará seu rebanho.

As Galinhas em 1982, terão saúde bem regular dando lucros vantajosos aos criadores. Se surgir período de doenças, aplique POLIPAN. Duas colheres de sopa em 4 litros d'água na vasilha das galinhas beber. Assim você estará trabalhando com o juízo e a ciência, para o engrandecimento do nosso Nordeste."

Safras e Preços

As páginas 6 e 8 do **Almanaque do Nordeste — 1982** — são dedicadas à produção e ao comércio de cereais. Salvo nos meses de março e abril, quando "surgirá desentendimento entre os comerciantes, fazendo com isso um comércio tumultuado" e, por isso, "sejam ativos para não entrarem na onda dos gananciosos", evitando prejuízos, "o mercado permanecerá calmo, bem abastecido... preços controlados, lucros pequenos, mas que compensarão... Não se aflijam que é melhor ganhar menos do que perder muito" — aconselha.

Quanto aos produtos agrícolas, o café será "uma fonte rendosa"; o algodão promete "uma safra mediana, mas o preço compensará bem"; o agave terá produção "bem rendosa"; a mamona "alcançará melhor cotação"; a farinha "compensará bem os lavradores" e o fumo "promete alta no mercado", a partir de agosto.

É evidente que, para obter tais vantagens, os homens do campo precisam tratar de suas roças e zelar pelos produtos, observando os dias favoráveis para plantar, cortar madeira, deitar galinha ou castrar animais. Todas essas tabelas, e ainda outras, figuram no almanaque de Vitorino às páginas 10 a 13. E, considerando que 1982 é um ano do ciclo solar, à pág. 19, concluídos os prognósticos astrológicos, o Professor adverte o agricultor:

"Era o provérbio mais certo
dos Sábios do Oriente
plantar no mês de janeiro
enquanto a terra estar quente
é comprar fiado a santo
porque não cobra da gente."

Preservação da saúde

Os cuidados com a alimentação e a preservação da saúde constituem matéria de relevo nos almanaques de cordel. Até mesmo no editado

pelo astrólogo Joavilim, entre uma e outra revelação dos astros, o leitor encontra orientação para manter-se em forma física:

“Terra, Água, Ar e Fogo: palavras Divinas (Deus) em verdade a quem devemos a vida e o conforto humano e animal para sempre.” (pág. 7)

“Tudo quanto você quer tem na terra! Terra, Água, Ar e Fogo. Pega-pinto, abacateiro, erva-doce, tome em chás, evite pimenta, café e salgado em geral (pág. 8)

“Medicina da Flora: — com chás de erva-tostão, pega-pinto, folhas de canela e folhas de abacate, você cura-se da incontinência da urina. Chás de erva-doce (funcho) você cura seu filhinho da tosse, gripes e diarreia”. (pág. 12).

Ao par desses produtos farmacêuticos caseiros, Joavilim também recomenda certas e misteriosas especialidades que, naturalmente, somente ele fornece como o “**Defumador Amazonas**, o maior defumador do mundo, livra-o de bruxaria e melhora seus negócios em geral, use o Defumador Amazonas e veja” ou o “**Perfume Planetário**: traz para você a maior fonte de êxito e felicidade, em amor, negócios, boa sorte, amizades, adquirir tudo que você pretenda em sua vida.” Ou, ainda a “**Água Chamadora**, banho da felicidade, produto Indiano é um esplêndido Talismã, use e colha o desejo em sua vida”. Além disso, aconselha seus leitores a procurar “possuir o TALISMÃ, o maior emblema da felicidade, evita você dos perigos e traz paz, amor e fortuna.”

COSTA LEITE confere à Flora Medicinal a maior importância na cura dos males que afligem o camponês nordestino:

“O chá do Velame é um grande depurativo do sangue e é contra o reumatismo. O chá da raiz do Japecanga é bom contra sífilis e reumatismo. O chá da folha e das flores do Mamoeiro serve para a digestão. O chá do Agrião serve para o intestino e os males do fígado. O chá do Tipi é bom contra sífilis e reumatismo.” (pág. 3)

Ao que parece, como simples “amador de astrologia”, o autor editor do **Calendário Brasileiro** não tem para oferecer a variedade de produtos mágicos para cura de enfermidades e para a satisfação de desejos dos seus leitores. Apenas, como os seus companheiros, se propõe a fornecer o Horóscopo Individual, a Cr\$60,00 e Talismã da Sorte, a Cr\$40,00, que devem ser enviados para seu endereço em valor declarado ou vale postal pelo correio, ou então cheque ou ordem de pagamento por banco que tem agência em Condado.

Mas ainda aqui, o almanaque de Vitorino conquista a primazia. À página 16, ocupa-se do **Homem e sua Alimentação**:

“Quando o homem deixar de ser carnívoro, “deixar de comer carne” aumentará nele a saúde, a inteligência, o amor fraternal e paz de espírito. Diminui na sociedade, a volúpia, a inveja, o ódio, a vingança e o crime. Fica permanecendo ainda, o ciúme e a ambição.”

À pág. 8, sob o título **Doenças e Seus Sintomas**, ensina:

“Para as pessoas que sofrem de alfação: uma dorzinha do lado direito quase continuamente, tudo que come faz mal, uma dor na boca do estômago, um cuspe salgado que lhe obriga cuspir quase direto, quando acaba de comer sente vontade de vomitar, tem azia, arroto choco, barriga inchada, dor de espinhaço, fastio, cansaço, perda de sono e tontice.

Tudo isso é sinal de que seu fígado, seus rins e intestino, não estão funcionando bem. Aí você usa o BOLDICOLON, 3 vezes ao dia. O BOLDICOLON é um pó na espécie de um sal vegetal; é usado feito chá, uma xícara nas principais refeições.”

Na mesma página, lê-se a **Receita da Flora Medicinal do Padre Cícero Romão Batista**:

“Para expectorar o catarro do peito, usar chá de alho, casca de camará e folha de Eucalipto, que fica bom.

Para matar lombrigas; uma colher de sopa cheia de leite de mamão, uma colher de chá de açúcar branco, bota para “sere-nar” e bebe em jejum, bota até o saco. É para uma pessoa grande.

Falta de sono ? usar o chá de erva-doce, erva-cidreira e casca de mulungu, você ficará dormindo um sono tranqüilo e reparador.”

A página 14 é toda dedicada a produtos de fabricação do próprio Vitorino: os **Defumadores Pajé**, a serem usados por quem “sentir desânimo, perturbações mentais, todo plano que forma sai errado, aborrecimentos em casa, atrasos nos negócios, perturbação na saúde, prejuízos no comércio, falta de coragem para vencer”, tudo isso, afirma, “é sinal de que está recebendo um raio hostil de um planeta maléfico, ou a inveja e mau-olhado em seu progresso”. Usando, por semana, 3 defumadores Pajé, “se afastarão todas essas sombras nefastas.”

Já para “cortes, feridas, queimaduras, impingem, xulê, frieiras, eczemas, e piorréia”, ele tem à venda o **Elixir Pajé**, “feito com o suco das árvores de nossa caatinga Sertaneja.”

Horóscopo e orações poderosas constituem, também, segredos que o Professor Vitorino põe à disposição de quem deseja “conhecer algo de seu destino” ou às moças e viúvas que desejam encontrar um bom

marido ou que foram mal sucedidas em sua vida amorosa. Para os primeiros, o consulente deve enviar “sua data de nascimento positiva. Até a hora se souber, o endereço certo e mil cruzeiros, que receberá seu Horóscopo pelo correio”. Trata-se de um horóscopo completo, pois inclui “seu número feliz, seu dia feliz da semana, sua cor favorável, seu perfume planetário, seu metal precioso, sua pedra Zodiacal, o nome do seu anjo da guarda, o dia que ele vem, e o Salmo dele, e mais 5 anos de futuro”. Convenhamos que, com tantas informações relevantes, até que o trabalho de mestre Vitorino é modestamente compensado.

Quanto às “moças e viúvas” (pág. 16) basta que enviem duzentos cruzeiros e receberão, com as devidas instruções, a **oração de Santo Onofre**, que deve ser rezada nove noites seguidas, rigorosamente de acordo com a orientação e muita fé. Pois, como explica, “é pela fé que o Santo opera milagre. A obra sem fé não vale nada, por isso devemos ter fé em tudo que vamos fazer porque só assim alcançaremos o prodígio da fé. Faça um teste para ver.”

Almanaque e educação

Afirmar que o almanaque de cordel, fundamentado em credências e extravagantes empirismos, é um veículo de educação do povo parecerá aos eruditos pedagogos e aos mestres tradicionalistas uma audaciosa e incoerente conclusão. Assim, estamos certos, não pensarão Paulo Freire ou Lauro de Oliveira Lima. Não foi o primeiro, por acaso, o descortinador de novas perspectivas para a educação popular, ao chamar a atenção para o fato de que o material didático empregado nas campanhas de alfabetização de adultos estava, no mínimo, desatualizado? Com efeito, aí pela década de 30, chegamos mesmo, adolescente, a ensinar num curso noturno através de uma cartilha tradicional, em que se lia — **O ovo da ave é da vovó...** e dos alunos que soletravam as palavras que lhes abriam as portas do mundo da leitura, a grande maioria não se recordava sequer dos pais de seus pais e, eles próprios, eram ou estavam para ser avós.

A educação é uma ferramenta para a vida. Quando o homem inventou o machado, afinando uma pedra, fê-lo para derrubar a árvore de cujos galhos, folhas e frutos necessitava. Quando um homem se decide a aprender a decifrar os misteriosos signos da escrita é porque precisa desse conhecimento para alçar-se a situações vivenciais que sem eles não alcançaria. Não pode perder tempo, e nem sente qualquer atração por temas alheios ao seu propósito e às suas necessidades mais prementes. Educar sem atenção a esse requisito básico não é educar mas colaborar para que seja mantido o **statu quo**, como largamente o demonstram pesquisas sérias realizadas na área do ensino supletivo em todo o mundo.

Há em Brasília, no Núcleo Bandeirante, a antiga **cidade livre** dos tempos da construção, um padre que bem compreendeu os dois lados da questão: o educando buscando aprender a escrever para ganhar um emprego; o educador (mesmo aquele, idealista, como o éramos nos idos de 30) forcejando por transmitir aos alunos mensagens inteiramente divorciadas dos seus interesses, de sua experiência, de suas necessidades. O bom padre Roque não teve dúvidas: criou a sua própria escola. A quem quer mesmo trabalhar e não sabe escrever, ensina a desenhar o próprio nome. Caligrafia, e nada mais. Graças a essa prática educacional, os caçangos desassistidos, analfabetos antes e analfabetos depois, cuprem as exigências regulamentares: assinam as carteiras profissionais, os recibos de pagamento e obtém trabalho. Os alunos do padre Roque, que não votam (em Brasília ninguém vota) são a mão-de-obra da construção civil, dos serviços de limpeza, são garis e calungas de caminhão, ganham, na capital federal, o mesmo pão salgado de suor dos seus progenitores, que freqüentavam as "escolas" dos "coronéis" do interior para constituir o rolo compressor de seus currais eleitorais.

Como o Padre Roque, de batina surrada, visitando um a um seus paroquianos de pés descalços e calças remendadas, tangidos pelas secas e/ou inundações e erguendo as **invasões** nas áreas ainda não urbanizadas do Distrito Federal; como o Padre Roque, vivendo a dura vida das suas ovelhas desgarradas — também os professores e amadores de astrologia e ciências ocultas convivem intimamente com os seus leitores ou ouvintes, pois, como se sabe, nem todos os compradores de folheto são alfabetizados. Por isso, estão aptos a falar-lhes na sua própria linguagem, a transmitir-lhes lições a partir de suas próprias convicções, objetivando atender às suas necessidades. Como o Padre Roque e seu rebanho, são religiosos e místicos, ainda que não tanto ortodoxos como o vigário do Núcleo Bandeirante. Tanto é assim que, na apresentação do seu **Calendário Brasileiro**, edição de 1977, Costa Leite indica, sob o signo de leão, que é o seu, a sua religiosidade, as fontes de sua sabedoria e os propósitos que alimenta ao difundir seu almanaque:

"C om a Virgem Mãe Concebida
A judando a minha mente
L ições de um sábio vidente
E u vou gravando em seguida
N a grande escola da vida
D eus clareia a minha estrada
A prumo a minha jangada
R io a cima, confiante
I nda digo a cada instante
O homem sem Deus é nada !

B eijando os pés de Jesus
R ei dos judeus, vou vencer
A ssim pra nos defender
S ó mesmo a Divina Luz
I nclinado ao pé da Cruz
L eio a lição que compete
E o Lunário promete
I ndicar os prognósticos
R imei aqui nos acrósticos
O ano 77."

Iniciando-se por veículos acessíveis ao público marginalizado rural, tais como os folhetos de cordel, os almanaques de produtos farmacêuticos, os volantes, os grafitos nos muros, nas pedras do caminho, nas paredes e calçadas — todas essas manifestações focalizando temas de interesse imediato da audiência, um projeto educacional sério se desenvolveria com êxito, sobretudo se aos signos lingüísticos se acrescentassem, como nas cartas enigmáticas, o desenho de figuras reproduzindo pessoas, animais e objetos de uso comum.

Como as crianças de hoje, que têm na televisão a principal motivação para desenvolver seus conhecimentos intelectuais e despertar a sua curiosidade pela escrita, o adulto teria, sem dúvida, nessas mensagens em que se acha mergulhado desde a infância, o incentivo necessário ao domínio de um código, que lhe abriria um caminho, através do qual conquistaria pelo menos o **status** de líder, como acontece com os seus professores, mestres das ciências ocultas.

Aliás, o fracasso de tantos programas educacionais populares, constatado em pesquisas de resultados indiscutíveis, está ligado diretamente a esses dois fatores: o despreparo dos professores para a comunicação com a sua "classe" e o menosprezo pelos meios de que se vale o povo para informar-se e orientar-se através da palavra escrita. Mestres, como eu próprio o fui, preparados para transmitir conhecimentos a alunos bem nascidos, cuja linguagem, costumes e necessidades se identificam com as suas. Livros e recursos audiovisuais que lhes são familiares. O recrutamento do pessoal da própria comunidade e a utilização dos meios citados seriam, a nosso ver, um ponto de partida válido para o desenvolvimento de um programa educacional dirigido à grande massa rural marginalizada.

Tal experiência exige de nós um ato de humildade: o reconhecimento de uma cultura própria do povo, da qual a nossa é, apenas, uma sofisticação. Sofisticação que não pode ser alcançada **ex abrupto**, mas gradualmente, pois enquanto educa naquilo que aprendeu e, simultaneamente, contata conosco, o mestre popular vai aparando arestas e penetrando

do territórios inexplorados. Deixando, quem sabe, de ver e ouvir estrelas que, se bem que belas, são frias e distantes, para fixar-se no homem e na sua problemática, feios, desassistidos, ignorantes mas plenos de vida e calor, para o qual gerações e gerações de ancestrais construíram um mundo de realidade e fantasia a ser por todos igualmente compartilhado.